

## 11

# Repensando o ensino da literatura: da historiografia literária para um diálogo entre artes<sup>1</sup>

*Guilherme Nogueira Milner<sup>2</sup>*

## 11.1 Apresentação

Em rápida busca sobre hábito de leitura do brasileiro em mecanismos de pesquisa da internet, como o site Google, encontram-se matérias com as seguin-

---

<sup>1</sup> Orientação de Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

<sup>2</sup> Graduando em Letras-Literatura pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: guilhermemilner@gmail.com.

tes manchetes da mídia de grande porte: *O brasileiro não lê* (VENTICINQUE, 2013), na revista *Época*; *Brasileiros leem apenas um livro por ano, aponta estudo* (AGÊNCIA, 2009), no *Estadão*; *Estudantes brasileiros leem pouco e mal* (ESTUDANTES, 2014), no Portal Saraiva Educacional.

Na primeira percepção do ponto de vista dos artigos, verifica-se o problema cultural da falta de leitura pela população brasileira, que vem da passagem de um analfabetismo direto para a era da televisão, sem parar em uma biblioteca. Entretanto, na última manchete citada, nota-se o trecho da reportagem, que abaixo transcrevo:

Outro dado que piora essa situação foi divulgado pelo Ministério da Cultura (MinC), em dezembro de 2009: 40% da população não lê. Diante desse quadro, o que vem à cabeça é que a criança e os jovens brasileiros não gostam de ler. Mas, segundo William Roberto Cereja, mestre em Teoria Literária e doutor em Linguística Aplicada, isso não é verdade. “A onda esotérica provocada pelos livros de Paulo Coelho que seduziu os jovens a partir do final da década de 1980 e a atual mania Harry Potter são a prova disso”, ele diz (ESTUDANTES, 2014).

Percebe-se, de um lado, uma grande parte da população que não lê, que não gosta de ler, e, de outro, uma parcela que é reduto da cultura pop e do best-seller da semana e que, geralmente, não ultrapassará essa barreira do livro que estampa a mídia para os clássicos literários. A pergunta que fica é: como, então, criar o incentivo da leitura nas escolas?

Primeiramente, é necessário notar que o problema, de fato, começa dentro da escola. Ao ser forçado à leitura de clássicos que, apesar de maravilhosos e dispensarem qualquer tipo de introdução, representam um total descontexto com a vivência dos estudantes, os adolescentes não se interessarão por livros depois de terminar as leituras obrigatórias do Ensino Médio.<sup>3</sup> Assim sendo, seria melhor mudar o paradigma das salas de aula e aceitar alguns livros que estão mais em diálogo com a época do estudante, ou que estejam num *suporte* que chame mais sua atenção. É o caso, por exemplo, das histórias em quadrinhos, que estão em grande expansão graças a um mercado atual forte e um grande número de vendas entre os jovens.

Outra possibilidade talvez seja mudar a ideia geral do ensino de literatura no Brasil, que tem sido feito pela perspectiva da historiografia literária, isto é, em vez de o aluno aprender a ler textos literários, passa os três anos do Ensino Médio aprendendo a situar autores e obras na linha do tempo e a identificar a escola

---

3 Opinião da Zoara Failla, educadora do Instituto Pró-Livro, ANL, Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina, el Caribe, España y Portugal (Cerlalc). Em entrevista para a revista *Super Interessante* (SOEIRO, 2010).

literária a que pertencem. Por fim, ainda é necessário e importante que o professor construa de forma clara e objetiva com os alunos a noção de que a literatura dialoga com as outras artes e não só com ela mesma.

## 11.2 Caracterização da escola

Esse trabalho foi colocado em prática no Colégio Estadual Machado de Assis, localizado no bairro Fonseca, em Niterói, Rio de Janeiro. O colégio agrupa alunos de diferentes comunidades carentes de Niterói e, também, da cidade vizinha, São Gonçalo, principalmente dos bairros Arsenal e Anaia.

No que tange à estrutura da escola, é perceptível o cuidado da coordenação para manter uma biblioteca e uma sala multimídia com equipamentos sempre atualizados.

## 11.3 Fundamentação teórica

Como já foi dito, costuma-se pensar e ensinar literatura como um jogo de encaixar autores e obras numa linha do tempo, isto é, como forma de estabelecer a historiografia literária. Isso ocorre, talvez, com a finalidade de preparar o aluno para uma prova de vestibular ou apenas para as avaliações ao longo de sua vida escolar, mas, certamente, não serve para criar um gosto literário ou uma sede por livros. Assim sendo, o estudante aprenderá que Machado de Assis viveu entre 1839 e 1908, escreveu *Dom Casmurro*, livro que, talvez o aluno nunca tenha lido, apesar de ter uma forte opinião sobre a traição ou não de Capitu. Talvez tenha lido um fragmento do livro, já que existe um costume implícito entre a maioria dos professores de literatura em não passar mais do que um livro por semestre. Talvez ele nem tenha procurado saber como era o rosto do autor.

O que gostaria de deixar claro com isso é que penso não ser mais possível, em um país que saiu direto do analfabetismo para a televisão e depois para a internet, seduzir alunos com *história da literatura*, com uma leitura de difícil acesso, que não desperta curiosidade nos educandos, que acabam apenas decorando nome do autor + magnum opus + data de nascimento e morte + escola literária que era afiliado.

Ao estudarmos literatura e teoria literária na universidade, notamos diversos manifestos sobre arte da poética, arte literária e sobre estética que foram escritos ao longo dos séculos. Entre esses, em 1934, Ezra Pound lança o *ABC of Reading* (ABC da Literatura, em português) que trouxe um bom panorama de como deveriam acontecer os estudos poéticos. Como se pode ler nos capítulos iniciais, Pound dispensa os textos críticos sobre o estudo de uma obra e postula que o estudo de um autor ou obra deveria ocorrer pela comparação de muitas obras que seriam colocadas lado a lado, a fim de se observar o que são e o que não são; o

que elas têm, entre o que não têm etc. Nas palavras exatas: “O método adequado para o estudo da poesia e da literatura é o método dos biólogos contemporâneos, a saber, exame cuidadoso e direto da matéria e contínua comparação de uma lâmina ou espécie com outra”, criando, assim, um juízo da obra; “algo que se ajusta à hipótese e que se aplica a todas as hipóteses” (POUND, 2006, p. 23).

Pautado nessa concepção de Pound, propus, em sala de aula, ensinar literatura comparando duas obras e, indo além, duas obras que estivessem em suportes diferentes. Um livro e um filme baseado no livro.

## 11.4 Descrição da experiência

Com a proposta de ver um filme que seja baseado em um livro previamente lido, fiz algumas indicações de leitura aos alunos, que foram extremamente bem recebidas, demonstrando um maior interesse pela atividade do que pelas aulas regulares de literatura. Entre as ideias para o trabalho estavam *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, colocado em certo destaque devido ao recente lançamento do filme homônimo, com o ator Leonardo DiCaprio. Estava também programado um trabalho com o livro *Alta fidelidade*, de Nick Hornby, de filme homônimo interpretado por John Cusack e, por fim, o livro da trilogia do também recém-lançado *blockbuster Jogos vorazes: a esperança*.

A tarefa para os alunos deveria consistir, então, primeiramente, na percepção de diferenças que uma narrativa tem num determinado suporte e como ela mudaria quando fosse transposta para outro tipo de suporte. Foi pontuada a existência de um gênero transitório entre a primeira obra, o livro, e a segunda, o filme, que é o roteiro. A ideia do roteiro foi trabalhada com a finalidade de pensar fatos significativos da narrativa que precisam constar para que a história faça sentido. Não necessariamente um clímax, mas um caminho que deve ser percorrido para que esse sentido exista e os fatos significantes aí estejam.

Depois de ter lido o livro, assistido ao filme e pensado no roteiro, formulou-se um trabalho de literatura comparada entre as duas obras, sinalizando suas semelhanças, diferenças, supostas falhas, motivos que fizeram uma situação no filme não existir no livro etc.

## 11.5 Avaliação dos resultados

O resultado da experiência certamente foi recompensador. Os alunos perceberam que não é função do filme ser uma réplica do livro nem responder questões que o livro possa ter deixado em branco. Além desse ponto, foi levantada a questão de que nem sempre é possível, numa adaptação, ser fiel ao que está escrito no texto do livro, uma vez que suportes diferentes geram produtos (textos) também diferentes.

## 11.6 Considerações finais

Com todas as dificuldades que encontramos no magistério é certamente recompensador quando uma experiência desse tipo dá certo. Ao longo do semestre verifiquei alunos que não se interessavam muito por literatura esforçando-se para fazer um trabalho interessante. De outra forma, posso afirmar que destinaram tempo para a leitura de um livro, para assistir a um filme e para uma produção textual sobre ambos.

Diante dessa experiência, pretendo levar para a minha formação profissional o emprego de mais aulas com leituras de textos literários em suportes diversos e uma menor ênfase na historiografia literária que, apesar de muitas vezes enfadonha, precisa também ser ensinada.

## Referências

AGÊNCIA Brasil. Brasileiros leem apenas um livro por ano, aponta estudo. *Estadão*, São Paulo, 21 nov. 2009. Suplemento Educação. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,brasileiros-leem-apenas-um-livro-por-ano-aponta-estudo,469995,0.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

ESTUDANTES brasileiros leem pouco e mal. Portal Saraiva Educacional. Disponível em: <[http://www.saraivaeduca.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=187&Itemid=138](http://www.saraivaeduca.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=187&Itemid=138)>. Acesso em: 4 dez. 2014.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOEIRO, R. Por que o brasileiro lê pouco? *Superinteressante*, São Paulo, n. 284, nov. 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/brasileiro-le-pouco-610918.shtml>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

VENTICINQUE, D. O brasileiro que não lê. *Época*, São Paulo, 4 jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/cultura/danilo-venticinque/noticia/2013/06/o-brasileiro-nao-le.html>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

